



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

LUIZA PIERUCCINI BOFF

**(depoimento)**

**2014**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA



**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-412

**Entrevistada:** Luiza Pieruccini Boff

**Nascimento:** 14/01/1996

**Local da entrevista:** Caxias do Sul

**Entrevistadora:** Suélen de Souza Andres

**Data da entrevista:** 10/04/2014

**Transcrição:** Bruna Tomaschwski Perla

**Copidesque e Pesquisa:** Suélen de Souza Andres

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 11 minutos e 42 segundos

**Páginas Digitadas:** 5 páginas

**Observações:**

Entrevista realizada para a produção da dissertação de mestrado Suélen de Souza Andres intitulado *Mulheres e Handebol no Rio Grande do Sul: Narrativas acerca do processo de "profissionalização" da modalidade* produzida no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano – ESEF/UFRGS

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Iniciação no handebol; Clubes que atuou; Retorno financeiro; Handebol a sério; Rotina de treinos; Visibilidade do Handebol no Brasil; Diferença do Handebol feminino para o masculino; Consideração e aconselhamentos finais.

Caxias do Sul, 10 de Abril de 2014. Entrevista com Luiza Pieruccine Boff a cargo da pesquisadora Suélen de Souza Andres para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

S.A. – Luiza, conte um pouquinho da tua história com o esporte e em especificadamente com o handebol, como teve inicio essa história?

L.B. – Comecei na escola, algumas amigas minhas queriam fazer um esporte e escolheram o handebol e acabaram me convidando para jogar junto. Começamos a treinar em um projeto de escolinha que a UCS<sup>1</sup> tinha. Iniciamos em 2007, mas acabou que na metade do ano as meninas desistiram e eu fiquei. Depois disso fui convidada para jogar nas categorias de base da Universidade e continuei jogando. Porque foi uma coisa que me interessou bastante, acho que o esporte só tem agregar as pessoas.

S.A. – O único clube no qual tu jogaste e defendeste foi aqui na UCS ou tu já jogaste por outros clubes?

L.B. – Não, eu já joguei pelo clube de Capão da Canoa<sup>2</sup>. Às vezes acontece de os clubes se emprestarem atletas, para jogar campeonatos, normalmente em alguns campeonatos que o clube não tem dinheiro para participar. Acabei jogando o Campeonato Brasileiro Cadete dois anos pelo clube de Capão da Canoa.

S.A. – Tem algum ganho financeiro ou é só um contrato, digamos, vai lá joga e depois volta?

L.B. – Nesse caso é vai lá joga e volta, mas talvez em outros casos possa ser diferente, no nível adulto quem sabe, categoria de base, acho difícil.

S.A. – Hoje tu vives exclusivamente do handebol ou tu fazes outras atividades para complementar a renda?

---

<sup>1</sup> Universidade de Caxias do Sul.

<sup>2</sup> Clube de Handebol Capão da Canoa (RS).

L.B. – Eu sou estagiária da Psicologia, faço estágio no programa Primeira Infância Melhor, não vivo só do Handebol.

S.A. – Já recebeu o benefício do Bolsa Atleta?

L.B. – Não.

S.A. – Já foi convocada para a Seleção alguma vez?

L.B. – Não.

S.A. – Tu és uma das novas do time?

L.B. – É, uma das mais novas.

S.A. – Tu entraste em 2007, quando começou no adulto esse ano?

L.B. – Eu já treinava com adulto, mais para poder jogar a Liga Nacional que é o campeonato mais forte tu tem que ter dezoito anos, então esse vai ser o meu primeiro ano.

S.A. – Tu sempre jogaste levando o Handebol a sério ou em que momento que tu percebeste que queria ser jogadora de Handebol?

L.B. – Eu acho que no início foi mais uma brincadeira, porque era um momento de lazer. Eu era nova, tinha onze anos, mas quando tu da continuidade e vê colegas de clube indo para Seleção ou saindo da cidade para ir jogar em outros clubes, tu acaba percebendo que tu podes levar isso como uma profissão.

S.A. – Tem intenção de viver só Handebol?

L.B. – Não, de viver só do handebol não, mas em quanto eu faço a minha formação, enquanto eu conseguir conciliar as duas coisas, no caso, psicologia e handebol, pretendo continuar.

S.A. – E como a tua família tem encarado você ser atleta, estar no curso de psicologia, de levar as duas coisas juntas?

L.B. – Eles não gostam [RISO], acham que acaba me desgastando bastante e não tendo a recompensa que seria válida, vamos dizer assim. Se eu tivesse em dúvida de escolher entre os dois, com certeza eles não me incentivariam escolher o esporte. Acho que ninguém vê como uma coisa que tenha muito futuro.

S.A. – Me conta um pouquinho como está sendo a tua rotina de treinos, jogos e competições?

L.B. – É que as competições não começaram ainda, que a gente está no início do ano. Treino segundas, quartas e sextas das oito às dez da noite, terças e quintas das cinco as sete e sábado pela manhã das nove as onze.

S.A. – Como tu vê a relação do público com o Handebol feminino?

L.B. – Assim, eu acho que agora como o fato da Seleção feminina ter ganhado o Mundial teve um olhar maior, mas eu acredito que esse ano por ser o ano da Copa do Mundo vai meio que se voltar tudo para o futebol de novo. Não acho que o handebol seja muito divulgado. Às vezes acontecia de ter jogos da Seleção e ser de graça, justamente porque não tem público. Se eles cobrassem não ia aparecer ninguém, então eu acho que falta divulgação as vezes.

S.A. – Tem alguma frustração no handebol?

L.B. – Frustração, eu acho que isso é uma frustração, talvez não só minha, mas de todo mundo. Pelo Handebol não ser tão reconhecido, de sempre escutar que Handebol é Futebol com as mãos. São esportes diferentes, são jeitos diferentes e não é uma coisa que deve ficar comparando, eu acho que cada esporte é um e cada um tem o seu valor.

S.A. – Tem algum sonho no handebol?

L.B. – De um dia talvez chegar à Seleção, quem sabe [RISO].

S.A. – Tu acha que tem alguma diferença do Handebol masculino para o Handebol feminino?

L.B. – Acho que sim. Os meninos, no caso, tem bem mais força e o jogo acaba sendo mais rápido, porque eles têm mais fôlego. Acho que acaba sendo completamente diferente. Às vezes no feminino acaba sendo mais uma coisa tática e no masculino mais a força.

S.A. – E você sabe se tem diferença entre salários, patrocínios ou incentivos?

L.B. – Eu nunca cheguei a conviver com time adulto masculino ai não sei.

S.A. – Em sua opinião, o que o Brasil poderia fazer para dar maior visibilidade para o Handebol?

L.B. – O que poderia ser feito? Eu acho que talvez começar passar mais jogos na televisão, porque é muito voltado para o futebol, digo na televisão aberta. Na TV fechada os jogos também não transmitidos e quando são é em um canal que ninguém tem. Então se talvez eles dessem o espaço na televisão aberta, acho que as pessoas iam ter mais contato e começar a gostar mais, porque na escola é uma coisa que todo mundo gosta, todas as meninas normalmente gostam de jogar Handebol, mas acabam não tendo noção do conhecimento, elas não veem um esporte de alto rendimento.

S.A. – Luiza, o que é para você ser uma profissional do Handebol?

L.B. – O que é ser? Eu acho que é estar representando várias pessoas que também vivem disso e que levam isso a sério e querem mostrar para os outros que isso é sério. A gente não está aqui brincando e daria para viver disso se tiver um olhar, se as pessoas perceberem que é uma coisa séria, que ninguém está aqui para brincando. A gente não treina todos esses dias para ficar brincando, não é recreação.

S.A. – O que você diria para uma menina que está iniciando nas categorias de base lá no infantil se ela quisesse seguir?

L.B. – Que ela tem que se dedicar bastante, que as rotinas de treino são bastante exaustivas, que é difícil tu conciliares a escola com os treinos, mas que também não dá para parar de estudar é muito importante. Mas com dedicação e acreditando tu consegues alcançar várias coisas. O esporte te dá muitas coisas que não vai encontrar em outro lugar, o convívio com pessoas de outros Estados, essas experiências, os campeonatos, essa coisa de união, de tu trabalhares em grupo, de estar dependendo da outra. Não adianta só tu acertares, tu precisas que a outra acerte, não vai adiantar ficar só xingando a colega, tens que apoiar. Aceitar essas diferenças acho que isso só o esporte te trás.

S.A. – Alguma coisa que você gostaria de complementar que eu não perguntei, mas que gostaria de dizer.

L.B. – Não, acho que é isso [RISO].

S.A. – Então, em meu nome e em nome do Centro de Memória do Esporte, eu agradeço a oportunidade de poder te entrevistar.

[FINAL DA ENTREVISTA]